

PERSONALIDADES *em destaque*

Muitas lojas ficaram sem estoque nesse inverno devido às baixas temperaturas, principalmente no sul e sudeste. Você acredita numa produção maior para o próximo verão?

O inverno é sempre um determinante para a indústria do vestuário. Ano passado o inverno foi fraco e as vendas também. O fato de ficarem sem estoque este ano deu-se pelo fato de não terem apostado tudo neste inverno e pelas baixas temperaturas. Isto é muito bom e deixa o lojista capitalizado para investir no verão e também no próximo inverno. Eu sempre digo “um bom inverno garante 12 meses de bons frutos!”. Se a tendência dos outros anos se confirmar é bem provável que haja um aumento de produção nesta coleção de verão.

Um grande problema que as empresas estão enfrentando é a inadimplência e restrições no cadastro. O que fazer para contornar essa barreira?

Essa tendência sempre se acentua quando a economia vai mal e o emprego desaparece. É hora de renegociar e manter o cliente, sabemos que é passageiro. Achar um meio termo para ambos é um bom começo. A confecção não quer matar o lojista e nem o lojista ficar sem o seu importante parceiro e fornecedor. É preciso ter calma e estudar caso a caso, separar os bons clientes dos oportunistas e seguir em frente com um acordo que mantenha todos vivos!

Na sua opinião, o dólar a R\$ 3,50 mais ajuda ou atrapalha?

Dólar alto nunca atrapalhou. O que atrapalha é a variação, quando não existe uma consistência, como essa flutuação louca que ocorre no Brasil. Para as indústrias, num primeiro momento, isto implica no aumento do custo dos investimentos, em equipamentos por exemplo, que são os primeiros a sofrer em alta escala. Também traz inflação, é verdade, mas é pontual, e a história já mostrou várias vezes que há

uma acomodação e que o resultado depois é satisfatório. O dólar mais alto torna as empresas mais competitivas internamente. Já o dólar muito baixo transfere o nosso potencial produtivo para fora do país, o que não é bom. O que precisamos é estabilidade e este é o grande desafio deste governo.

Muitas empresas estão reticentes em aumentar a produção, pois não sabem o que vai acontecer em um futuro próximo. Na sua opinião, elas estão certas?

Creio que é hora de agir com cautela mesmo. Não enfrentamos apenas uma crise econômica. Mais que isso, enfrentamos uma crise política muito grave e isto deixa qualquer investidor cheio de incertezas. É hora de rever o planejamento estratégico, apertar algumas torneiras e abrir outras, analisar o seu mercado no cenário atual, até porque eles mudam de acordo com o setor. Para muitos o momento está perfeito e para outros, não. Acho que o setor de confecção terá ótimos momentos num curto prazo, mas não é hora de arriscar muito, exceto se tiver muita certeza. Certeza amparada por números, por estatística e por dados. Só certeza não adianta.

Você acredita que a economia agora está no caminho certo?

Eu acredito que demos uma virada. Se foi para o lado certo, o tempo dirá. O governo Temer perdeu a chance de recuperar a confiança dos brasileiros. Deu

“A confecção não quer matar o lojista e nem o lojista ficar sem o seu importante parceiro e fornecedor. É preciso ter calma e estudar caso a caso, separar os bons clientes dos oportunistas e seguir em frente com um acordo que mantenha todos vivos!”